Eça de Queirós e o Brasil

Leituras da crítica brasileira

Tania Franco Carvalhal

Viana Moog, *Eça de Queirós no século XIX*. Rio de Janeiro, 1977.

«Um sino ao longe bate quatro pancadas. O calendário marca 16 de Agosto de 1900. O século XIX também tinha terminado».

Com estas palavras, Vianna Moog[1], romancista e ensaísta brasileiro, ao concluir seu livro *Eça de Queirós e o século XIX*, associa a data de falecimento do escritor português com o final do século do qual sua obra foi uma representação lúcida e fiel.

Com Eça, a prosa narrativa de expressão portuguesa alcançaria uma alta dimensão como observatório do social e reconstituição concreta da realidade em suas contradições e conflitos.

Na verdade, como observa o crítico brasileiro António Cândido, no belo estudo sobre o processo de transição da cidade para o campo na obra eciana, intitulado «Entre campo e cidade», de *Tese e Antítese, «tomados entre a contradição violenta da civilização capitalista do século XIX – entre a burguesia ascendente, criadora de novos estilos, e o processo vertiginoso da proletarização –, os romancistas realistas e naturalistas padecem do sentimento agudo das desarmonias»*[2]. Eça soube não só compreender esse sentimento mas expressá-lo em toda a sua intensidade. Por isso suas obras, concentrando características de época e superando-as, enfatizam oposições e contrários. Daí o dualismo tantas vezes apontado pela crítica em suas produções, e expresso ainda no título de *A cidade e as serras*.

Também o crítico brasileiro Álvaro Lins, em sua *História literária de Eça de Queiroz*[3], escrito em 1939 e reeditado no centenário de nascimento do autor em 1945, vai fixar o perfil de *«um homem que se debate no tumulto da riqueza episódica do século XIX, com a sua existência quase sem história, ao lado de uma grande vida dentro da literatura»*. Para ele, Eça

«representou e exprimiu uma época, mas não se tornou um prisioneiro dos seus limites»[4].

Como se percebe, nas três apreciações referidas, ressalta-se a localização particular do autor em relação a seu tempo, o que o faz pertencer a um século determinado sem a ele reduzir-se.

Na verdade, embora plenamente representativo da época em que viveu e produziu literariamente, Eça de Queirós projecta-se além dela, permanecendo como presença viva e actual, que lhe assegura a atenção crítica constante por parte de grandes ensaístas brasileiros.

Sabemos que ao lado de Camões e de Fernando Pessoa, Eça é um dos autores portugueses mais amplamente conhecidos no Brasil. Personagens ecianos são referidos com frequência em crónicas brasileiras e frases suas passaram a ser lugar-comum. Os estudos críticos, desde livros, ensaios, artigos ou teses sobre a sua obra são quantitativa e qualitativamente significativos. A tal ponto que o conjunto dos trabalhos existente sobre a sua obra pode ainda hoje dizer-nos muito sobre os movimentos e orientações da crítica brasileira na medida em que é possível dizer que o apreço maior pelo escritor português tem significado uma maior abertura com relação a Portugal e à literatura estrangeira em geral enquanto o andamento contrário responde a uma intenção de valorização do nacional. É curioso observar como, em muitos casos, Eça simbolizou o vínculo natural e desejado com a matriz portuguesa e não houve a preocupação de distingui-los dos autores brasileiros. Ao contrário, havia por vezes uma inclinação para considerá-lo como parte de um património comum, o da língua portuguesa.

Em outros momentos, o repúdio e o distanciamento de Eça transcendiam à obra em si do autor para atingir uma dimensão de índole política e nacionalista. É o que se pode constatar, por exemplo, nas críticas que o contrapõem a Machado de Assis e que assumem nitidamente a preferência pelo autor brasileiro como se houvesse a necessidade de optar entre um e outro. É o caso dos comentários de Graça Aranha, por exemplo. Já o filólogo João Ribeiro mostrar-se-á severo com relação a Eça e a Ramalho, autores que contrasta com Gil Vicente, comparado por ele a Aristófanes e Molière. Para Ribeiro, *«a graça de Gil Vicente não é ofensiva, não é aniquiladora como o* humour *germânico ou ainda o do Eça de Queirós ou Ramalho, nos quais o forte desdém e a brilhante superioridade têm algo de corrosivo e cruel, próprio do sentimento próprio da decadência, qual fora o de Juvenal e de Voltaire»*[5]. Como se vê, quer Ribeiro exigir de Eça e de Ramalho mais apreço nacionalista em relação a Portugal, sentimento que ele reconhece em Gil Vicente. Mas igualmente pode-se identificar, em João Ribeiro como filólogo, uma posição que tende ao distanciamento de Lisboa, na prosódia e na ortografia. Assim, os movimentos de cístole e de diástole da crítica brasileira em relação à obra de Eça exprimem aspectos que ultrapassam o interesse intelectual pelo texto para manifestarem sentimentos de outra ordem e que dizem respeito menos à literatura e mais à história do país e aos movimentos políticos da nação.

Mas independente desses aspectos, que são significativos nos estudos dos processos de difusão e de recepção das obras em outras literaturas que não aquela a que pertencem, e que, portanto, não podem deixar de orientar reflexões desta natureza, o certo é que o interesse por Eça, com maior ou menor intensidade, tem-se mantido vivo no Brasil e alcança sempre fiéis leitores em várias gerações. É da fidelidade a Eça que nos falam Augusto Meyer e Theodemiro Tostes, dois escritores gaúchos,

que se lançam na crítica brasileira nos anos Vinte. Em suas páginas críticas, ambos acentuam o quanto o escritor português lhes é familiar e aos seus contemporâneos, tendo se tornado para muitos *«um velho amigo»*.

Meyer, no estudo «Eça», de *Preto & Branco* (1956), observa que retornar à obra do escritor é retroceder na própria história pessoal de cada leitor para quem, como diz, *«reler tem a plenitude de uma primeira leitura»*[6].

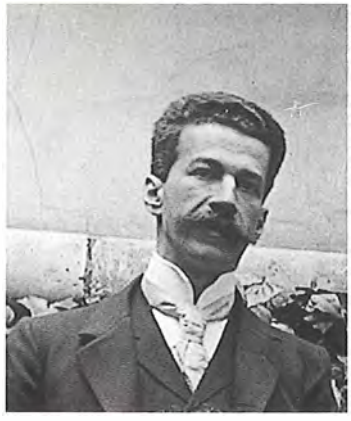
Theodemiro Tostes, por sua vez, em quatro crónicas que dedicou ao autor em jornais num lapso de 14 anos (de 1966 a 1980) e no espaço de leituras e releituras da obra, ocupa-se com a sua recepção no Brasil, chamando nossa atenção para dois aspectos em especial: o primeiro, a ampla aceitação da obra do escritor pelos leitores brasileiros, tendo-se criado, em certa época, uma espécie de «écite», dada a intensidade do apreço; o segundo, de como os brasileiros, devotos de Eça, têm buscado em Portugal visitar os locais onde ele viveu ou que estão descritos em sua obra. Fazem, como observa o cronista, uma espécie de «romaria» a esses lugares, pois já aprenderam a reconhecer o país no escritor e querem descobrir o primeiro através de sua vida e obra. Diz Tostes a certa altura no artigo «Permanência de Eça de Queiroz», estampado no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 28 de Agosto de 1966: *«O Brasil tomou conta de Eça, escampou-o, nacionalizou-o, e o seu culto tomou proporções de verdadeira epidemia literária* [...] *Suas páginas eram lidas e decoradas, suas personagens viraram amigos íntimos e os ecinhas mirins pupularam seduzidos pela magia do seu verbo»*[7]. Retoma posteriormente a questão em «O nosso Eça», no suplemento cultural de *O Caderno de Sábado* de 22 de Julho de 1972, dizendo: *«Não é preciso voltar ao lugar-comum de que a obra de Eça de Queirós sempre foi, e ainda é, mais popular em terras brasileiras do que na própria terra que a originou. O brasileiro gostou do Eça, apossou-se dele, naturalizou-o e esgotou edições de suas obras, com uma voracidade que nunca mostrou em relação ao produto nacional»*.

Esta afirmação de Tostes sobre a popularidade de Eça no Brasil pode ser facilmente comprovada se lembrarmos que num inquérito aberto pela revista *A Semana*, em 1863, os seis melhores romances de língua portuguesa eram, nesta ordem: *Os Maias*, *O Primo Basílio*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *A Relíquia*, *A Mão e a Luva* e *O Ateneu*. Portanto, são três livros de Eça a ombrear com dois de Machado e um de Raúl Pompéia.

Heitor Lyra, que se ocupou de *O Brasil na vida de Eça de Queirós*[8], regista ainda em seu alentado livro uma estatística de 1963, feita no sector literário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que indica os autores preferidos de seus frequentadores: José de Alencar, Machado de Assis, Eça de Queirós e Carlos Drummond de Andrade. Novamente o velho Eça encontra o seu lugar entre os grandes autores brasileiros.

Nos outros dois textos, Tostes, diplomata como Eça, tendo sido cônsul em Portugal, insiste no papel que coube aos leitores brasileiros na intensa circulação e recepção da obra eciana no país. Em «Uma página de Eça de Queirós», de 8 de Março de 1980, dirá que *«De repente, a gente volta a Eça de Queirós. E a verdade é que é bom voltar a um velho amigo, cada vez que este mundo perde o seu sentido de humor e nos bombardeia diariamente com surpresas desconcertantes. A geração que aprendeu a ler literatura nos romances de Eça conserva do seu contacto com o amável bruxo o gosto por aquela frase voluptuosamente arredondada e pelo tempero de ironia que lhe dá o mais fino do seu encanto. E, se nos seus roman-*

150 Anos com Eça de Queirós. São Paulo, 1997. Actas do III Encontro Internacional de Queirosianos, realizado na Universidade de São Paulo, em 1995. Capa de Moema Cavalcanti com base num quadro de Francisco Brennand.



Domício da Gama.

ces sempre relidos ele nos deixou um retrato de sua gente – um retrato que a intenção às vezes caricatural não chega a falsear ou desfigurar – é nas suas crónicas, nos seus bilhetes, nas suas cartas e nas suas notas que ele nos dá a imagem do mundo que lhe tocou viver, menos como figurante do que espectador».

A passagem, mesmo um pouco longa, merece ser transcrita, pois dá-nos em síntese os aspectos que a crítica brasileira se acostumou a acentuar em Eça: as características novas no estilo, a ironia, a voluptuosidade da escrita, a irreverência dos temas, o interesse dos tipos. Em suma, para o leitor comum, Eça assume o papel de um espectador atento e de um retratista de fino traço.

Da mesma geração de Meyer e Tostes, mas nascido em Minas Gerais, Guilhermino Cesar, que foi professor emérito na Universidade de Coimbra onde fundou a cadeira de literatura brasileira, foi autor que voltava com frequência a Eça em suas crónicas do mesmo *Caderno de Sábado*, de Porto Alegre. Por isso, é possível que o personagem que muitas vezes as anima, Elesbão, com sua irreverência e ironia, deva muito ao escritor português[9].

A continuidade do interesse por Eça tem sido mantida. Comprova-o a realização do III Encontro Internacional de Queirosianos, realizado na Universidade de São Paulo, em 1995, sob a coordenação geral da professor Elza Miné, autora de uma tese importante sobre «Eça jornalista». A consistência física do volume das Actas intitulado *150 Anos com Eça de Queirós* (1997) é expressiva do grande número de conferências e comunicações apresentadas neste encontro. Igualmente significativa é a capa da publicação, que estampa um retrato de Eça de toques primitivos e brasileiros. Trabalho de Moema Cavalcanti sobre tela de Francisco Brennand, o quadro, em sua simplicidade e aparência de retrato de avô em casa antiga, é representativo da apropriação e correspondente transformação por que passa o escritor e a sua obra na óptica brasileira. O retrato trata-se de *«marca inconfundível e uma recepção brasileira do escritor»*, na observação de Elza Miné constante das «Palavras Iniciais» que abrem o volume[10].

Mas para reconhecer em definitivo a importância de Eça no panorama das letras brasileiras é preciso evocar as palavras de Machado de Assis em carta dirigida a Henrique Chaves, então director da *Gazeta de Notícias* na qual Eça colaborou até ao seu falecimento. Machado se refere à morte do escritor como uma *«calamidade»*, pois era como *«se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e mais válido»*. Vale-se ainda do romancista português para reiterar uma ideia que lhe foi costumeira com relação à tradição literária e sua construção, dizendo que *«cada século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas»*[11].

Com essas palavras, Machado consagra o escritor na transição dos séculos e consolida a repercussão de sua obra na literatura brasileira. É esta que procurarei a seguir aprofundar.

Eça e o Brasil

Realmente, a ligação sentimental entre Eça e o Brasil é dos aspectos mais referidos na vida do escritor, desde o facto de ser ele filho de um «Português nascido no Brasil» em 1820[12] (dois anos antes da Independência) até sua convivência com a pernambucana sua madrinha, Ana Joaquina, costureira na Vila do Conde, com quem Eça aprende a falar português com sotaque brasileiro, guardando na memória canções de ninar e histórias infantis do Nordeste Brasileiro.

Já foi apontada a repercussão deste falar na prosa «eciana», *«o apego à sonoridade das*

palavras, a colocação anti-lusitana dos pronomes, a tendência à espontaneidade das expressões, indo até a mudanças na estrutura da língua» como observa Heitor Lyra na obra biográfica. Convivência que se prolonga pela vida afora. Primeiro com um casal de pretos pernambucanos, Mateus e Rosa Laureana, vindos do Brasil para Verdemilho, onde Eça passou parte da infância. Eles o entretinham com brincadeiras e histórias. Há, ainda, os amigos brasileiros – Eduardo Prado, intelectual e mecenas, pai de Paulo Prado, autor de *Retrato do Brasil* (1928), Domício da Gama e Magalhães de Azeredo – ambos diplomatas – e o príncipe dos poetas brasileiros, Olavo Bilac, que estiveram com ele em Paris.

O livro de Lyra regista exaustivamente as relações fundadas na afectividade. A epígrafe escolhida para seu livro sobre Eça dá o tom de simpatia ao relato quando escolhe palavras de Eça a propósito de Eduardo Prado e do Brasil onde se lê o apreço pelo amigo brasileiro. Ao escrever sobre ele, Eça diz ter *«a dupla felicidade de louvar, através do homem que tanto prezo, a terra que tanto amo»*.

Essas relações, de ordem sentimental, são também referidas nos livros de Arnaldo Faro, *Eça no Brasil*[13], e de Paulo Cavalcanti. Este, em *Eça de Queirós, Agitador no Brasil* (1959)[14] observou ser *«o Recife a mais eciana das cidades brasileiras»*. Com efeito, como centro cultural de importância nos primeiros decénios do século, Recife soube acolher o romancista português e desenvolver com relação a sua obra uma constante afeição. José Rodrigues de Paiva, em «Breve notícia sobre a recepção de Eça de Queirós no Recife»[15], refere o culto brasileiro ao escritor português não apenas na capital pernambucana mas no interior e em outros estados como o Maranhão (onde foi fundada uma curiosa «Padaria Espiritual Eça de Queirós») e em Cuiabá, além de São

Paulo e Rio. Mas foi no Recife que ele encontrou grandes leitores: José Maria Bello – que escreve sobre Eça já em 1915 e em 1945 publica um *Retrato de Eça de Queirós*[16], Gilberto Freire, que lhe dedicou inclusive uma novela intitulada *O outro amor do Dr. Paulo*[17]

Eduardo Prado com a família de Eça, em Neuilly.

na qual as personagens encontram Eça em Paris. Some-se a esses nomes o de Álvaro Lins, quando já radicado no Rio, o de Olívio Montenegro, o de Manuel Bandeira e o de Luís Delgado, todos com estudos no antológico *Livro do Centenário de Eça de Queirós*[18].

Rodrigues Paiva ressalta a importância do ano de 1945 (o do centenário do nascimento) no Recife onde as comemorações da data alcançam todas as formas de publicações, de concursos, de exposições e de celebrações, culminando com a edição do livro *Eça de Queirós – Documentário de uma Comemoração*[19]. Refere também à fundação, por Paulo Cavalcanti, de um «Clube de Amigos de Eça de Queirós», que viria ressurgir nos anos 80 como «Sociedade Eça de Queirós», animada pelo mesmo estudioso. Igualmente foram reprisados, nos anos 90, no Recife, os jantares ecianos realizados no restaurante Tavares, de Lisboa.

Percebe-se, então, ao adentrar a vasta bibliografia existente sobre Eça e a sua obra no Brasil que a recepção toma várias formas não se restringindo ao círculo académico nem aos artigos de jornais. Há, como vimos, uma espécie de institucionalização do interesse, com a criação de clubes e sociedades, identificando a natureza associativa do apreço. Criou-se assim, entre Eça e o Brasil, laços afectivos que peculiarizam a identificação com o autor português e caracterizam as relações culturais entre os dois países.

Os vínculos intelectuais

Cabe apontar que à ligação de ordem afectiva associa-se outra, de ordem mais puramente intelectual. Da parte de Eça houve, sem dúvida, uma constante curiosidade para com os acontecimentos políticos e literários do Brasil. Embora jamais tenha estado no Brasil[20], sua colaboração na imprensa foi de grande utilidade para firmar sua presença entre os leitores brasileiros. Além disso, a crítica que recebe de Machado de Assis (sob o pseudónimo de Eleazar), e estampada a 16 de Abril de 1878 na revista *Cruzeiro*, ajudou a chamar a atenção sobre *O Primo Brasílio* e *O Crime do padre Amaro*, dois romances severamente analisados pelo crítico.

Mesmo reconhecendo o talento de escritor, o *«estilo vigoroso e brilhante do colaborador do Sr. Ramalho Ortigão, naquelas agudas* Farpas»[21], Machado considera-o discípulo de Zola e um seguidor da escola realista. Era, como diz, *«realismo implacável, consequente, lógico, levado à puerilidade e à obscuridade»*. E logo acrescenta: *«Víamos aparecer na nossa língua um realista sem rebuço, sem atenuações, sem melindres, resoluto a vibrar o camartelo no mármore da outra escola, que aos olhos do Sr. Eça de Queirós parecia uma simples ruína, uma tradição acabada»*[22].

Ora, nesta simples passagem, mesmo criticando com austeridade o autor, Machado aponta para dois aspectos importantes: um, o pioneirismo de Eça na adesão a uma estética realista; outro, o carácter renovador de uma obra que acabava por transformar uma tendência em voga em passado[23]. É claro que Machado tinha presente (tal como explicitou no antológico estudo «Instinto de Nacionalidade – Notícia da literatura brasileira», de 1873) que a orientação romântica não acabara e que se infiltraria nas tendências posteriores e isto estaria, decerto, subjacente a seu critério crítico. Do mesmo modo, não se pode esquecer que Machado acaba exigindo de Eça ensinamentos morais que ele mesmo não vai explorar em sua obra. Nesse sentido, exerce ele a crítica judicativa e norteadora conforme a concepção que explicita em outros textos. Resta acentuar que Machado acaba por dis-

tinguir talento e doutrina, identificando os méritos do primeiro e as falhas da segunda. Importa acentuar que Machado distingue com clareza a cópia servil da apropriação criativa com relação a Eça ao reconhecer as qualidades do escritor. Como diz, *«se fora simples copista, o dever da escrita era deixá-lo, sem defesa, nas mãos do entusiasmo cego, que acabaria por matá-lo; mas é um homem de talento, transpôs ainda há pouco as portas da oficina literária; e eu, que lhe não nego a minha admiração, tomo a peito dizer-lhe francamente o que penso, já da obra em si, já das doutrinas e práticas, cujo iniciador é, na prática de Alexandre Herculano e no idioma de Gonçalves Dias»*[24].

A passagem é curiosa em seu final, sobretudo nas associações que estabelece articulando pátria e idioma, dando à primeira a feição de um autor português e ao segundo a imagem de um romântico brasileiro educado em Portugal. Eça, pois, estaria na convergência de ambos, pertencendo a uma dada nacionalidade, a portuguesa, e valendo-se de uma língua que não é apenas sua mas também brasileira.

Vê-se, então, como interessa ler a crítica machadiana sobre Eça enquanto documento expressivo das noções que veicula – a preocupação com a conformação da literatura, com as relações entre presente, passado e futuro literários, com as novas e velhas gerações, com os princípios morais, com a escrita literária. A crítica para ele é um instrumento que se manifesta como identificadora de falhas e correctora de desvios.

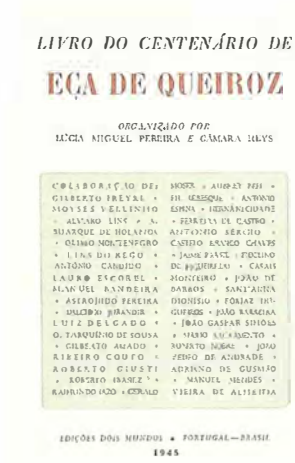
Portanto, como se percebe, a crítica brasileira, ao analisar a obra eciana, constrói imagens de si mesma. Activando a função especular da crítica, cada análise converte-se em espelho reflector do objecto que examina mas também em elemento esclarecedor das formas de que se utiliza e das perspectivas que a orientam.

Para Eça, o facto de a crítica de Machado provocar outras tantas respostas foi proveitoso, manteve o seu nome na ordem do dia e aumentou-lhe a popularidade. Pode-se considerar, então, a crítica de Machado como o primeiro e indispensável impulso para que Eça se lançasse no meio intelectual brasileiro. Nesse sentido, os ataques fizeram-lhe bem[25].

E para concluir esta questão, se Machado dedica-lhe a atenção é porque reconhece a repercussão que sou obra ganha na literatura brasileira e se preocupa com seus efeitos nela.

Voltamos, pois, à influência exercida pela obra eciana no Brasil, assimilada mais adiante ao influxo dos romances realistas e naturalistas franceses e a questão da imitação, de um lado, e da penetração de modelos estrangeiros, de outro. Ambas as questões nos levam de imediato à relação de Eça com os romancistas da geração de 30 no Brasil. Aliás é o que observa Benjamin Abdala Junior no estudo «Eça de Queirós e Graciliano Ramos», apresentado no III Encontro Internacional de Queirosianos em São Paulo (1995) ao dizer que *«os escritores da geração de Graciliano Ramos tomaram emprestado o seu monóculo para focalizar a maneira de ser da nossa gente. É a antropofagia brasileira, visível já no romance* Caetés, *de Graciliano, em que há referência ao episódio da devoração de Pero Fernandes Sardinha. A deglutição de Eça por Graciliano e sua geração o incorpora e o transforma como repertório para as gerações subsequentes»*[26].

A partir da crítica machadiana, o conjunto das obras críticas sobre Eça nos permite identificar como centrais a penetração do escritor como modelo estilístico e exemplo de humor e ironia. Além disso, ele estava mais próximo dos brasileiros do que de seus con-


LIVRO DO CENTENÁRIO DE
EÇA DE QUEIROZ
ORGANIZADO POR
LÚCIA MIGUEL PEREIRA E CÂMARA REIS
EDIÇÕES DOS MUNDOS • PORTUGAL—BRASIL
1945

Livro do Centenário de Eça de Queirós. Org. de Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis. Lisboa – Rio de Janeiro, 1945.

temporâneos portugueses. Ao analisá-los com discernimento e mesmo com certa aspereza, Eça concretizou o que determinados autores brasileiros desejariam fazer e não se sentiam capacitados ou com suficiente ânimo. Tornava-se assim uma espécie de porta-voz de anseios íntimos e não explicitados que aludiam à necessidade de rompimento com a literatura da metrópole. Também o «francesismo» de Eça, ao colaborar para o afastamento da literatura matriz na medida em que concretizava na própria obra os influxos de uma tendência nova, devedora de Balzac, Flaubert e Zola, é um dado a mais a favorecer o apreço dos brasileiros por sua obra desejosos que estavam de cortar o cordão umbilical com Portugal.

Isto também nos autoriza a pensar como Benjamin Abdala Junior no estudo referido que o escritor *«firmou no Brasil a imagem do iconoclasta que demolia monumentos e instituições passadiças. Para seus leitores brasileiros, ficou a impressão de que a sociedade portuguesa era filtrada por seu indissociável monóculo, de maneira a colocar 'sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia', a ideia de que Eça construía uma literatura em que o empenho social não descartava o jogo artístico. Isto é, o faz-de-conta da ficção permitia-lhe subtilezas, como na caracterização e personagens através de traços reveladores, que acabara, por fixá-las definitivamente na memória dos seus leitores»*[27].

Assim, é como crítico de seu tempo, que Eça se converte em modelo de uma forma particular de arguir a realidade e de apontar com lucidez para seus aspectos mais contraditórios.

[1] Vianna Moog, *Eça de Queirós e o século XIX*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

[2] António Cândido, *Tese e Antítese*, São Paulo, Ed. Nacional, 1964, p. 35.

[3] Álvaro Lins, *História Literária de Eça de Queirós*, Porto Alegre, Livraria do Globo, [1939] 1945, 2ª ed., p. 17.

[4] Álvaro Lins, *op. cit.*, p. 182.

[5] João Ribeiro, *Páginas de Estética*, Rio de Janeiro, São José, 1963, 2ª ed., p. 72.

[6] Augusto Meyer, *Preto e Branco*, Rio de Janeiro, edições O Cruzeiro, 1956, p. 61.

[7] Cabe lembrar também que o crítico Brito Broca, em *A vida literária no Brasil de 1900*, se refere a uma doença literária – o *basilismo* –, numa primeira fase que corresponde ao aparecimento do romance em 1876. A ela segue-se *ecite*.

[8] Heitor Lyra, *O Brasil na vida de Eça de Queirós*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, 1965, p. 453.

[9] Estou a concluir uma antologia das crónicas de Guilhermino Cesar sobre temas e autores da Literatura portuguesa, publicadas no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, durante 12 anos. O livro deverá intitular-se «Crónicas de Portugal».

[10] *150 anos com Eça de Queirós*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses, FFLCH/USP, 1997, p. 16.

[11] A citação da carta de Machado se dá *apud*. Heitor Lyra, *op. cit.*, p. 201.

[12] A expressão é usada para aqueles que nasceram no Brasil antes da Independência, em 1822.

[13] Arnaldo Faro, *Eça no Brasil*, São Paulo, Ed. Nacional / Edusp, 1977 (Brasiliana, v. 358).

[14] Paulo Cavalcanti, *Eça de Queirós, Agitador no Brasil*, São Paulo, Ed. Nacional, 1959 (Brasiliana, 311).

[15] J. Rodrigues de Paiva, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, p. 576.

[16] J. M. Bello, *Retrato de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro, Agir, 1945.

[17] Gilberto Freire, *O outro amor do Dr. Paulo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

[18] *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, (org. Lucia Miguel Perreira e Câmara Reis), Lisboa / Rio de Janeiro, Dois Mundos, 1945.

[19] *Eça de Queirós – Documentário de uma Comemoração*, Recife, Prefeitura Municipal, 1947.

[20] Heitor Lyra, na obra citada, regista com muita graça o empenho de Eduardo Prado para trazer Eça como chefe da Delegação Diplomática Portuguesa no Brasil e as estratégias de que este se utilizou para obter essa decisão. No entanto, a distância entre Brasil e Portugal tornou-se para Eça um obstáculo intransponível. Com a saúde debilitada não poderia enfrentar as longas viagem marítimas em seus deslocamentos.

[21] Machado de Assis, «O Primo Basílio por Eça de Queirós», *Crítica Literária*, São Paulo, Jackson Editores, 1957, pp. 154-179.

[22] Machado de Assis, *op. cit.*, p. 156.

[23] Observe-se que Machado exige equilíbrio: *«Mas sair de um excesso para cair em outro, não é regenerar nada: é trocar o agente da corrupção»*, p. 176.

[24] Machado de Assis, *op. cit.*, p. 155.

[25] Veja-se, sobre isto, Heitor Lyra, *op. cit.*, pp. 169-183.

[26] Benjamin Abdala Junior, *150 anos com Eça de Queirós, op. cit.*, pp. 122-130.

[27] Benjamin Abdala Junior, *op. cit.*, p. 123.